

## **Turismo e Saúde: uma Corrente Historiográfica e o Caso de Campos do Jordão (SP)**

**Tourism and Health: a Historiographic Current and the Case of Campos do Jordão (SP)**

Priscyla Christine Hammerl\*  
Eduardo Romero de Oliveira\*\*

### **Resumo**

Este artigo apresenta uma análise sobre a história do turismo e revela uma tese corrente nessa historiografia: o desdobramento de locais de tratamento de saúde em locais procurados para a prática turística. Com o objetivo de verificar a consistência desta tese realizou-se um aprofundamento bibliográfico sobre o tema e um estudo histórico do caso de Campos do Jordão. A escolha desta localidade deu-se devido ao município ter presenciado os dois ciclos: o da saúde e do turismo, sendo fortemente divulgado, sobretudo para o Estado de São Paulo, como estância de tratamento para tuberculosos durante a década de 1920, e como uma famosa estância turística a partir de meados da década de 1960. Neste sentido, o problema colocado nesta pesquisa é, através do estudo histórico desta transição, apontar se há ou não relações que permitam apontar a fase da saúde como primórdios ou início da fase do turismo. Desta forma, irá se contribuir para o aprimoramento da história do turismo, sobretudo no que diz respeito ao contexto brasileiro.

**Palavras-chave:** Turismo, Saúde, História, Campos do Jordão.

### **Abstract**

This article presents an analysis of the history of tourism and discloses a coherent thesis in this historiography: the unfolding of places of health treatment in places searched for the practice of tourism. With the objective of verifying the consistency of this thesis we fulfilled a bibliographical research on the subject and a historical study of the case of Campos do Jordão. The choice of this locality was due to the city having witnessed the two cycles: of health and of tourism, being strongly advertised, above all in the State of São Paulo, as a ranch of treatments for tuberculosis during the decade of 1920, and as a famous tourist ranch from

\* Discente do curso de turismo. Universidade Estadual Paulista – Unidade Experimental de Rosana. Av. dos Barrageiros esquina com Estrada dos Alojamentos s/n. CEP: 19274-000. [pri\\_unesp@yahoo.com.br](mailto:pri_unesp@yahoo.com.br)

\*\* Docente do curso de turismo. Universidade Estadual Paulista – Unidade Experimental de Rosana. Av. dos Barrageiros esquina com Estrada dos Alojamentos s/n. CEP: 19274-000. [eduardo@rosana.unesp.br](mailto:eduardo@rosana.unesp.br)

middle of the decade of 1960. In this direction, the problem posed in this research is, through the historical study of this transition, to point if there are or not relations that allow to point the phase of health as primordial or beginning of the phase of tourism. In this way, it will contribute to the improvement of the history of tourism, above all with respect to the Brazilian context.

**Keywords:** Tourism. Health. History. Campos do Jordão.

### **Introdução**

Na procura por trabalhos acadêmicos sobre a história do turismo encontram-se duas problemáticas: a escassez de obras específicas sobre o assunto e a apresentação confusa e generalizada dos marcos e fatos históricos. Tratando-se desta temática, apresentam-se na pouca bibliografia encontrada, diversos e divergentes apontamentos sobre os primórdios e origem do turismo.

Neste contexto, verifica-se também que dentro da história do turismo há muitos apontamentos sobre as suas origens e seus primórdios com o desenvolvimento de locais de tratamento de saúde. Alguns autores apontam os deslocamentos por motivos de doença não só como a origem do que conhecemos atualmente por turismo de cura ou saúde, mas também como o primórdio da atividade de forma generalizada, proporcionando o desenvolvimento destes locais como destinos posteriormente procurados também para lazer e entretenimento.

Observa-se aqui uma tese corrente na historiografia do turismo: o desdobramento de locais de tratamento de saúde em locais procurados para a prática turística. Em vista de verificar sua consistência, propõe-se um aprofundamento teórico sobre o tema e um estudo de caso sobre o município de Campos do Jordão. Tem-se o intuito de averiguar, junto ao histórico do município, se há relações entre local de tratamento de saúde e turismo; de modo a analisar se a tese citada confirma-se neste caso.

A escolha de Campos do Jordão como estudo de caso se deu devido à localidade ter presenciado os dois ciclos: o da saúde e do turismo, tendo sido fortemente divulgada, sobretudo para o Estado de São Paulo, como estância de tratamento para tuberculosos durante a década de 20 e como famosa estância turística a partir de meados da década de 60.

Sendo assim, tendo o município de Campos do Jordão presenciado uma fase ligada ao tratamento da tuberculose e outra ligada ao turismo, o problema colocado nesta pesquisa é, através do estudo histórico desta transição, apontar se há ou não relações que permitam

apontar a fase da saúde como primórdios ou início da fase do turismo. Desta forma, contribuir-se-á para o aprimoramento da história do turismo, sobretudo no que diz respeito ao contexto brasileiro.

### História do turismo

Ao se tratar da história do turismo, notam-se na bibliografia disponível idéias complicadas que trazem diferentes concepções de turismo e, conseqüentemente, contribuem para a formação de teorias sobre o marco inicial do mesmo.

Muitos autores apontam o turismo como simples deslocamento e devido a isso, estes autores acreditam que o turismo já existia muito antes da Era Cristã. Para Ignarra (2003), “o fenômeno turístico está associado com as viagens, a visita a um local diverso do da residência das pessoas. Assim, em termos históricos, ele teve seu início quando o homem deixou de ser sedentário e passou a viajar ...” (IGNARRA, 2003, p.02).

Neste sentido, Beltrão acredita que “os antigos povos, empiricamente, já praticavam o turismo no decorrer de suas longas caminhadas pelas terras mais distantes na região da Ásia Central...” e complementa, “muito antes da era cristã, os povos orientais já faziam viagens em busca de descanso e conhecimento” (BELTRÃO, 2001, pp.21-2).

É neste contexto que alguns autores situam o começo do turismo na Grécia antiga e em Roma. Como exemplo, Barreto cita De la Torre, que acredita que o começo do turismo deu-se no século VIII a.C na Grécia, “[...] porque as pessoas viajavam para ver os jogos olímpicos a cada quatro anos...” (De la Torre, 1991, p.12 *In*: BARRETO, 1995, p.44).

Como nota-se, não há concordância entre os autores, pois mesmo utilizando o mesmo conceito de turismo, eles são divergentes quanto ao seu marco inicial. No entanto, o deslocamento apontado por estes autores pode ser entendido como simples viagens. Neste caso, o que difere viagens de turismo?

Castelli aponta que a diferença entre as viagens simples e as viagens turísticas está no motivo que leva as pessoas a se deslocarem. Para o autor, as viagens movidas por interesses como curiosidade, saúde, cultura religião e descanso são viagens turísticas (Castelli, 2001, p.14).

Ainda segundo Castelli “[...] embora o vocábulo *turismo* ainda não fizesse parte do linguajar das pessoas, os romanos, por exemplo, ao percorrerem a Grécia para se enriquecer

culturalmente, estavam praticando viagens turísticas” (CASTELLI, 2001, p.14). Goeldner (*et.al*), afirma que “os turistas romanos faziam passeios da mesma forma com que fazemos hoje. Eles utilizavam guias de viagem, contratavam guias profissionais, deixavam grafites em toda parte e compravam lembranças” (GOELDENER *et. al*, 2002, p.45). Estas afirmações são questionáveis se pensadas sob as teorias da história, pois é anacrônico pensar o turismo com características atuais em tempos antigos.

Outra concepção inserida pelos autores no conceito de turismo é o prazer. Barreto afirma que “o turismo é uma atividade em que a pessoa procura prazer por livre e espontânea vontade” (BARRETO, 1995, p.13). Assim, o primórdio do turismo teria ocorrido em Roma, pois “os romanos teriam sido os primeiros a viajar por prazer. Informações obtidas através de pinturas, azulejos, placas, vasos, demonstram que os romanos iam à praia e aos *spas*, buscando nas primeiras, divertimento e nas segundas, cura” (BARRETO, 1995, p.45). Porém há de se considerar que o termo “prazer” e a característica de procurá-lo espontaneamente, estão associados a idéias correspondentes ao conceito de lazer.

Para melhor entender as diferentes definições e as relações que o lazer mantém com a sociedade, consultamos a obra *Sociologia Empírica do Lazer*, de Joffre Dumazedier. Para Dumazedier o lazer é:

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (DUMAZEDIER, 1999, p.85).

Assim, temos definições de turismo como “uma forma particular de uso do tempo livre, uma forma especial de recreação [...] É, essencialmente, uma atividade relacionada com a educação, o prazer, o descanso e a recreação, embora possa estar relacionado também com algum outro tipo de atividade” (ACERENZA, 2002, p.57).

Vistos esses dados, há de se considerar que o conceito de turismo aliado à idéia de lazer produz, segundo alguns autores, uma nova vertente quanto ao início do turismo. Para estes, o turismo se desenvolve de maneira generalizada apenas após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando “o conceito de tempo livre surge, nas sociedades mais desenvolvidas” (TRIGO, 1998b, p. 02).

Neste período, “as férias deixaram de ser concebidas de maneira generalizada como uma concessão do empresário para o trabalhador. As legislações nacionais estabelecem de forma explícita o período obrigatório de férias (DIAS, AGUIAR, 2002, p.48). Assim, a partir da década de 50, “as viagens foram se tornando cada vez mais acessíveis a uma parcela maior da população” (OMT, 2001, p.08).

No entanto, há de se considerar que estes autores apontam o período pós Segunda Guerra apenas como a popularização de um processo turístico iniciado durante a Revolução Industrial. A Revolução Industrial teria dado início ao turismo, pois com o desenvolvimento tecnológico houve “a formação de parcelas da burguesia comercial e industrial com tempo, dinheiro e disponibilidade para viajar” (TRIGO, 1998a, p.12-3).

Contudo, devem-se acrescentar outros fatores pertinentes ao progresso proveniente da Revolução Industrial, que segundo alguns autores, foram primordiais para o desenvolvimento do turismo. Dentre eles, pode-se citar o surgimento de novos meios de transporte. “Os imensos navios movidos a caldeiras de vapor e a hélices [são] construídos com grande sofisticação e luxo, são cada vez mais utilizados nas viagens intercontinentais, transportando os novos – ricos beneficiados pela indústria, comércio e finanças mundiais” (TRIGO, 1998, p.13).

“A era das ferrovias apresentou uma segunda etapa no desenvolvimento do turismo [...] Data desse período o surgimento das viagens em massa e dos agentes e operadores turísticos, que desenvolvem novas formas de marketing, como as viagens previamente organizadas, pacotes turísticos, cartazes e folhetos” (IGNARRA, 2003, p.05).

É neste contexto, que a maioria dos autores aponta um marco na história do turismo: “[...] o começo das Excursões Organizadas que na atualidade são conhecidas como *package* ou pacote” (BELTRÃO, 2001, p.24). “Thomas Cook lançou o primeiro pacote de turismo em 1841, mas naquela época as próprias ferrovias já ofereciam viagens de excursão para um movimento que elas, originalmente, não aparentavam ter” (LINCKORISH; JENKINS, 2000, p.29).

Mesmo já existindo excursões nos trens (vide LINCKORISH, JENKINS), Beltrão afirma que “[...] Thomas Cook foi o pioneiro a reunir um grupo de pessoas organizadas em uma única viagem. Esse tipo de turismo coletivo começou a se expandir, com serviços de guias turísticos, conhecedores de vários percursos e com habilidade de acompanhamento”

(BELTRÃO, 2001, p.24). Para Barreto, “as inovações de Cook marcaram a entrada do turismo na era industrial, no aspecto comercial. No social, promoveu um significativo avanço, pois seu sistema permitiu que as viagens fossem mais acessíveis para os chamados segmentos médios da população” (BARRETO, 1995, p.52).

No entanto, apesar das considerações a respeito do início do turismo durante a Revolução Industrial, há de se apontar que alguns autores propõem como antecedentes deste turismo moderno o *tour* praticado entre os séculos XVI e XVIII.

Para Castelli, “o renascimento trouxe, pois, um grande incentivo para as viagens, de tal sorte que surgem os *tours*, feitos, sobretudo, pela aristocracia inglesa como complemento à sua formação” (CASTELLI, 2001, p.19). E Barreto complementa: “a idéia era que os jovens – que depois viriam exercer cargos na classe dirigente, civil ou militar – adquirissem experiência de vida, firmeza de caráter e preparação para a guerra” (BARRETO, 1995, p.48). Assim, fazia-se o *Grand Tour*, viagens em busca de conhecimentos, cultura, artes e também saúde, “... viajar para lugares que oferecessem banhos considerados medicinais. Entre os viajantes havia muitos deficientes que procuravam tratamento no exterior, a cura pela água” (BARBOSA, 2002, p. 41). (BARBOSA, 2002, p.41).

Nota-se nesta vertente histórica do *Grand Tour* uma ênfase na questão da saúde. Neste contexto, introduzimos uma tese corrente na historiografia do turismo: a saúde como parte essencial a constituição da atividade turística. Vamos observá-la de uma forma particular, analisando a visão dos autores da área de turismo e posteriormente sob a ótica dos estudos realizados por historiadores.

### **Turismo e saúde: uma corrente historiográfica**

A respeito da saúde, devemos considerar que esta é destacada por muitos autores em todos os momentos considerados integrantes da história do turismo e é também apontada como propulsora do desenvolvimento de locais turísticos.

Para Castelli, um dos elementos de Roma que fazem elo com a concepção atual de turismo são as termas que, “[...] passaram de locais destinados a simples banhos públicos para estabelecimentos com salas para banhos a vapor, piscinas salas de repouso, ginástica, massagens, bibliotecas e jardins para passeios” (CASTELLI, 2001, p.17). E Ignarra acrescenta, “nesse período, eram usuais as viagens dos romanos para banhos medicinais. A

talassoterapia, portanto, data de cerca de 500 anos antes de Cristo. Foram os primeiros *spas* registrados na história da humanidade” (IGNARRA, 2003, p.03).

Boyer define o período da Revolução Industrial como “Revolução Turística” e aponta diversas transformações, muitas delas ligadas ao turismo de cura:

Surgiram então o amor pelo campo, que se tornara lúdico, a transformação das práticas populares de uso das águas no termalismo mundano das estações termais. [...] A montanha deixou de ser ‘horrrível’ para se tornar sublime. Esta atração surge em meados de 1740, mas continua forte no fim do século 19. [...] No século 19, o discurso terapêutico era dominante. Progresso, higiene eram então idéias-força. Aos ricos recomendavam a mudança de ares, soberana para todos os males: ir para locais privilegiados onde o prazer da estadia, por si só, levava à cura, ou ao menos, ao alívio. O discurso higienista dava um valor científico à escolha das estações termais a ao ritmo das temporadas”(BOYER, 2003, pp.13-23-51).

Ainda tratando do turismo de cura, Pires coloca que alguns autores “têm visto o início do turismo, no desenvolvimento das estâncias especializadas, a partir do século XVII” (PIRES, 2001, p.03). Barreto afirma que nos *spas*, neste período “[...] os turistas começaram a se misturar aos doentes para usufruir da recreação organizada e, pouco a pouco, apareceram *spas* somente para ricos, entre eles reis e duques” (BARRETO, 1995, p.49). Lickorish e Jenkins exemplificam:

As viagens pelos membros da elite foram seguidas por um interesse maior pelas viagens para cuidar da saúde com o surgimento dos *spas*. Embora Buxton e Bath tenham sido mencionadas na Lei de 1.572, Poor Law, como ‘locais de resort para pessoas enfermas’ (Pimlott, 1974), o crescimento foi modesto e os números, pequenos até o final do século XVII, quando o entretenimento e a cura provaram ser uma inovação importante [...] tais estabelecimentos,[os *spas/resorts*] freqüentados em princípio pela família real e pelas classes mais altas da sociedade, logo atraíram a clientela formada pela classe média, à medida que a população e a riqueza aumentavam, as cidades cresciam e a expansão industrial acelerava ” (LICKORISH; JENKINS, 2000, p.26).

E Goeldner (*et. al*) acrescenta:

Dessa forma, o turismo tem uma dívida para com os profissionais da medicina que defendiam o valor curativo das águas minerais e enviavam seus pacientes para onde elas existiam. [...] Embora os *spas* e resorts litorâneos comessem a ser visitados por razões médicas, eles rapidamente se tornaram centros de entretenimento, recreação e jogo, atraindo os ricos e elegantes, doentes ou não. Essa era do turismo ilustra o fato de que é geralmente uma combinação de fatores, e não um elemento único que dita o

sucesso ou o fracasso de um empreendimento” (GOELDNER et. al,2002, p.50).

Como nota-se, a saúde é um tema imprescindível quando se trata da história do turismo, sendo muitas vezes apontada, como visto acima, como grande contribuinte do desenvolvimento de locais turísticos.

### **Estâncias, saúde e cotidiano: a teoria e metodologia da história**

Quando falamos de saúde sob a ótica das teorias e metodologias da história, temos na historiografia sobre o tema três pontos a se considerar: o discurso higienista, organização social e esquadramento da população doente. É no confronto desses fatores que surgem as estâncias de saúde. Contudo, para melhor entender este processo, vamos apresentar esta temática de acordo com as pesquisas sobre história do cotidiano apresentadas por autores da área de história, entendendo a formação de Estâncias de saúde no Brasil e contextualizando o caso de Campos do Jordão.

Segundo Matos, as transformações da contemporaneidade vêm “[...] ampliando as inquietações sobre o cotidiano e favorecendo as pesquisas que contemplam a abordagem do urbano”. Assim no Brasil, “nos últimos anos, os estudos sobre a cidade vêm passando por mudanças significativas”. Estas mudanças passaram a ocorrer “quando a cidade passou a se colocar como questão e foi assumida como um desafio a ser enfrentado pelo historiador” (MATOS, 2002, p.32-3). Assim, segundo a autora:

Desde o século XIX e início do XX, uma das primeiras vias a delinear a cidade enquanto questão foi a higiênico-sanitarista. O olhar médico conjugado à ação/observação/transformação do engenheiro e à política de intervenção de um Estado planejador/reformador, pretendia de todas as formas neutralizar o espaço. (MATOS, 2002, p.33).

Como exemplo disso, temos as obras de Chalhoub e Sevcenko, que tratam sobre a revolução social que houve com o advento da varíola e a obrigatoriedade da vacinação. Nota-se, que em ambas as obras, existem citações referentes á reorganização social causada pelas medidas higienistas que visavam erradicar as epidemias, neste caso, a varíola. Acreditava-se que os cortiços (locais extremamente sujos e desorganizados) e seus habitantes (“pessoas



perigosas”) eram focos de disseminação das doenças, levando assim, a uma exclusão da população pobre e à reorganização de suas moradias.

Ainda, segundo Chalhoub, havia um temor do contágio dos trabalhadores imigrantes e a estes se recomendava que os “recém-chegados deveriam ser conduzidos diretamente para locais elevados - ‘serra acima’- onde ficariam aguardando o encerramento do surto epidêmico” (CHALHOUB, 1996, p.85). Por meio desta citação, nota-se claramente a relação entre o ambiente e a história e formas extremistas de determinismo geográfico e climático.

É neste contexto, e baseado em discursos higienistas, que surgem as Estâncias de saúde. No Brasil, foi durante o século XIX que

nasceram e se desenvolveram as práticas termiais em espaços institucionalizados pela medicina brasileira. Tudo começou com a descoberta das análises químicas, ainda na primeira metade do século, e com a edificação de alguns estabelecimentos termiais (Caldas do Cubatão, Caxambu e Poços de Caldas) na segunda metade do mesmo século. (QUINTANA, 2004, p.11).

Contudo, vale ressaltar que estas Estâncias de cura estão também ligadas à idéia de prazer:

Nesse âmbito, as águas minerais, ou mais precisamente as termas, têm sido fundamentalmente centro da atenção de historiadores, incidindo as pesquisas no século XIX. São exemplo disso André Rauch (1996, p. 17), que as menciona como destino de férias, ou Armand Wallon (op. cit.), que analisa a vida cotidiana nas estâncias termiais na França, no período de 1850-1914, como um dos tipos de locais de vilegiatura. Este autor aborda os locais termiais como 'lugares de cura' e também como 'lugares de prazer', construídos como tal para os acompanhantes dos doentes, desenvolvendo-se um conjunto de distrações para ‘tornar mais agradável um dia que as exigências da cura poderiam fazer parecer monótono. (QUINTANA, 2004, p.06).

É neste sentido, que alguns autores “têm visto o início do turismo, no desenvolvimento das estâncias especializadas...” (PIRES, 2001, p.03):

Aos "banhos" e às termas estiveram sempre associadas práticas que oscilaram ambigualmente entre o controle do corpo e o prazer, e é nesta medida que o deslocamento para as termas é apontado por Armando Narciso (1944)-médico hidrologista — como o primeiro movimento turístico da viagem "da cura e do prazer. (QUINTANA, 2004, p.07).

Contudo, o desenvolvimento das Estâncias de cura no Brasil, deu-se não apenas em Estâncias termais, mas também em centros de repouso em regiões montanhosas, procuradas para a cura de doenças respiratórias, dentre elas, a tuberculose. Segundo Barbosa,

Algumas estações se especializaram em tuberculose, doença que acometia ricos e pobres (Boyer, 1996:91). Via-se a idéia de tratamento com um simples deslocamento para um determinado local. O que interessava para o viajante era a possibilidade de consumo, isto é, consumir o lugar. Consumia-se a praia, e também o ar da montanha, como lugar de cura. (BARBOSA, 2002, p. 45).

É com base nestas idéias que em São Paulo no início do século XX, o higienista Emílio Ribas “mostrou-se sensível ao avanço da Peste Branca [tuberculose], convidando o clínico carioca Clemente Ferreira para transferir-se para a cidade de São Paulo e aqui iniciar a primeira campanha nacional contra a moléstia de Koch” (BERTOLLI, 1993, p.142). O Dr. Ferreira por sua vez, imitando as técnicas de climatoterapia utilizadas nos principais sanatórios da Alemanha, Suíça e França, junto a outros médicos como o Dr. Victor Godinho, recomendaram que a administração estadual instalasse em Campos do Jordão um nosocômio.

Outros locais, no estado de São Paulo, foram também considerados propícios para a instalação de sanatórios e abrigos para tuberculosos. Assim temos instalações situadas em São José dos Campos e Tremembé e ainda pavilhões especializados das Santas Casas de Santos, Campinas, Bragança Paulista e Sorocaba (BERTOLLI, 1993, p.187). Porém, o mais conhecido e citado de todos estes é Campos do Jordão.

Como visto, nota-se o determinismo climático, desta vez, explícito nas técnicas da climatoterapia. Por sua vez, este fator, juntamente ao crescimento da tuberculose e às críticas higienistas configuraram em ambiente favorável para a criação de um novo destino de cura: Campos do Jordão, que posteriormente se tornará uma localidade visitada pelo desejo de apreciação da paisagem e por lazer.

### **O caso de Campos do Jordão**

A área em que se situa Campos do Jordão foi sesmaria de Ignácio Caetano, que em 1771 fundou a fazenda Bom Sucesso. Após a morte de Ignácio, seus herdeiros venderam as terras para o Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão, dando origem assim ao nome da cidade: “Campos do Jordão”. Campos do Jordão é uma cidade formada por três vilas. Quem deu

origem ao primeiro núcleo urbano foi Mateus da Costa Pinto, ao fundar em 1874 a Vila de São Mateus do Imbiri que mais tarde se tornaria a Vila Jaguaribe, em homenagem ao médico e escritor Domingos Jaguaribe, grande divulgador das virtudes climáticas de Campos do Jordão.

O segundo núcleo urbano do município foi a Abernédia, fundada em 1914, por seu loteador escocês Robert Jonh Reid. O terceiro núcleo de Campos do Jordão, o Capivari, desenvolveu-se a partir de 1920 e teve origem em área de terras dos médicos sanitaristas Emílio Ribas e Victor Godinho, admirados entusiastas do clima da região (FILHO, 1988). Foram igualmente Emílio Ribas e Victor Godinho que, através do empreiteiro português Sebastião de Oliveira Damas, iniciaram a construção da E. F. Campos do Jordão, unindo o município ao Vale do Paraíba. Por falta de recursos, os serviços da ferrovia foram paralisados e só finalizaram-se em 1915, quando finalmente a EFCJ passou a funcionar (FILHO, p.17,1997).

Assim, com a divulgação dos médicos sanitaristas Victor Godinho e Emílio Ribas a respeito dos benefícios do clima de Campos do Jordão para o tratamento da tuberculose (doença comum da época) aliada à facilidade de se chegar à cidade (por meio da ferrovia), inicia-se então o “ciclo da saúde” em Campos do Jordão.

Diversos autores relatam a caracterização de Campos do Jordão durante seu “ciclo da saúde”: “A cidade era um festival de pensões de tuberculosos, que ‘se localizavam, em sua maioria em Abernédia, mas se estendiam também a Jaguaribe e alguns em Capivari, embora nesta Vila morassem os doentes de melhor nível econômico alugando ou comprando casas particulares” (FARIA, L. F. *in* FILHO, p.256,1986) “A tuberculose ligou-se de tal arte ao nome de Campos do Jordão nos anos 30 e 40, sobretudo a partir da implantação dos primeiros sanatórios, em 1929, que confessar-se natural ou residente na terra logo sugeria um tuberculoso à frente, com direito a todos os bacilos de Kock” (FILHO,p.25, 1988). “Todas as atenções tinham como pólo central o enfermo, todas as atividades visavam o principal objetivo: a saúde da população composta, na maioria, por forasteiros” (MASAKAZU, p.7, 1985a).

Os benefícios realizados pelo clima de Campos do Jordão em pessoas que procuravam tratar da tuberculose eram fortemente divulgados. “Muitos pensavam que bastava chegar, respirar o clima puro de montanha e logo retornar curados” (FILHO, p.258, 1986). Contudo, a

realidade era outra. Os sanatórios tinham disciplinas rígidas, e a cura da tuberculose ocorria não apenas pelo clima, mas também por regras de alimentação e, acima de tudo, de higiene. Recomendava-se, por exemplo, ferver os talheres, ter copos individuais e escarradeiras descartáveis que deveriam, depois de utilizadas, serem destruídas com soda cáustica. “Alguns hábitos higiênicos eram generalizados: tomar banho e ir para cama, não tomar corrente de ar, lavar as mãos sempre, e visitar-se o doente conforme sua temperatura” (FILHO, p. 269, 1986).

Embora Campos do Jordão nas décadas de 30 e 40, conforme os relatos citados, fosse uma localidade totalmente ligada ao tratamento da tuberculose, e devido a esse fato, era também alvo de preconceito, mesmo assim há relatos que comprovam a visita de *veranistas* (como eram chamados os visitantes na época) no município:

A pensão Sanatório de Campos do Jordão, instalada num amplo prédio de três pavimentos (onde hoje localiza-se o Hotel Montanhês) era um internato de pessoas de posse. De regime semi-sanatorial, os doentes gozavam de relativa liberdade sem o rigor disciplinar da vida sanatorial. Alguns internados nem eram doentes, vinham passar temporadas de repouso e descanso”(MASAKAZU,p.29, 1985b).

O surgimento de alguns hotéis exclusivos para “não tuberculosos” também marcam o aumento na presença de turistas e o início da transição da cidade saúde para a cidade turismo:

O Grande Hotel foi construído em 1944 pelo Governo do Estado. No ano seguinte foi instalado o cassino que funcionou até 1946. Outros hotéis de classe internacional constituíram-se em fatores de incremento do turismo, que nascia nessa década: Hotel Toriba em 1943, Hotel Rancho Alegre em 1946 e Hotel Vila Inglesa em 1947” (MASAKAZU, 2006).

No entanto, vale ressaltar que os fatores determinantes na transição de um ciclo para o outro foram:

- o zoneamento da Estância: “através do decreto nº. 11.781, de 30 de dezembro de 1940, que seccionou a cidade em duas zonas, reservando as Vilas Jaguaribe e Capivari para a área turística e Abernêssia e a zona sanatorial para tratamentos da enfermidade pulmonar. [...] O decreto obrigou as autoridades a regulamentar a hospedagem no município, baixando normas para evitar a permanência e hospedagem de doentes nos hotéis, instituindo a exigência

obrigatória de atestado médico radiológico dos pulmões, a todos os freqüentadores de estabelecimentos destinados a pessoas sadias” (FILHO, p.263, 1986);

- o surgimento de medicamentos para a tuberculose: “com o avanço da medicina, o tratamento quimioterápico da tuberculose, a suspensão dos convênios do Ministério da Saúde com os sanatórios, passando para o sistema ambulatorial, diversos hospitais foram desativados e outros transformados em hospitais gerais...” (MASAKAZU, p.29, 1985b);

- a mudança na política nacional de combate à tuberculose: “o Governo Brasileiro, através do Ministério da Saúde, adotando diretrizes da Organização Mundial da Saúde, reformulou totalmente o programa de combate à tuberculose”(FILHO, p.275, 1986).

Outros fatos marcam a ascendência do turismo em Campos do Jordão. Dentre eles, temos: Congressos nacionais de turismo (realizados no Grande Hotel em 1953 e 1959), a inauguração da colônia de férias dos Oficiais da Força Pública em 1951, em 12 de dezembro de 1952 a lei nº129 cria a Diretoria Municipal de Turismo e em 1958 é lançado o primeiro folheto turístico (feito pela DMTUR), em 1972 a jurisdição da Estrada de Ferro de Campos do Jordão passa da secretaria de transportes para a secretaria de turismo e finalmente, em 1978, por força da Lei nº 1844 de dezessete de novembro, a cidade passa a denominar-se Estância Turística (MASAKAZU, pp. 89-107, 1985b).

### **Considerações finais**

Como pôde ser observada, a transição do ciclo da saúde para o ciclo do turismo em Campos do Jordão deu-se devido a fatores como políticas públicas e desenvolvimento da medicina. Assim, vimos que houve um declínio das instituições sanatoriais concomitantemente a um aumento no número de hotéis, dado principalmente pela lei de zoneamento, regulamentação da hospedagem e investimentos para que houvesse a prática do turismo no município. Contudo, nota-se por meio dos dados históricos obtidos na pesquisa que o fluxo de visitantes doentes não se tornou em um posterior fluxo de turistas. Em outras palavras, não foi devido ao fato de Campos do Jordão apresentar deslocamento de pessoas para o tratamento da tuberculose que propiciou o deslocamento turístico.

Vimos que o fato de Campos do Jordão apresentar sanatórios para tratamento da tuberculose gerava repúdio e temor de contágio das pessoas sadias que visavam visitar a cidade por motivos de lazer. Após o zoneamento da cidade e fiscalização da saúde das

pessoas que freqüentavam os hotéis do município é que houve aumento no fluxo de turistas, que conforme visto deveriam ser sadios tendo que atestar sanidade para freqüentar a cidade como turistas.

Assim podemos afirmar que Campos do Jordão tornou-se uma cidade turística devido a iniciativas e interesses políticos junto a um declínio da função sanatorial da cidade proporcionado pelos avanços da medicina. Não podemos afirmar, portanto, que a fase da saúde no município proporcionou o desenvolvimento da atividade turística, pelo contrário, foi seu declínio que permitiu tal transformação.

Dessa maneira, colocamos a tese da corrente historiográfica do desdobramento de locais de tratamento de saúde em locais turísticos em suspenso, pois não se confirma no caso de Campos do Jordão. Sugerimos um aprofundamento teórico desta corrente historiográfica e uma revisão desta tese encontrada nos livros acadêmicos de história do turismo. Devemos nos atentar a profundidade dos estudos históricos, e lembrar aos historiadores do turismo que as teorias e metodologias da história devem ser observadas para evitar anacronismos e teses falhas.

### Referências

- ACERENZA, Miguel Angel. **Administração do turismo: conceituação e organização**. 4. ed. São Paulo: EDUSC, 2002.
- BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2005.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papyrus, 1995.
- BELTRÃO, Otto di. **Turismo: a indústria do século 21**. Osasco: Editora Novo Século, 2001.
- BERTOLLI FILHO, Claudio. **História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900 – 1950**. São Paulo, 1993. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- BOYER, Mac. **História do turismo de massa**. Bauru: EDUSC, 2003.
- CASTELLI, Geral. **Turismo: atividade marcante**. Caxias do sul : EDUSC, 2001.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Marina Rodrigues de. **Fundamentos do turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas: Alínea, 2002.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

- FILHO, Pedro Paulo. **Campos do Jordão, o presente passado a limpo**. São José dos Campos: Vertente, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Estórias e lendas do povo de Campos do Jordão**. São Paulo: O Recado, 1988.
- \_\_\_\_\_. **História de Campos do Jordão**. Aparecida: Santuário, 1986.
- GOELDNER, Charles R. (et. al). **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. Porto Alegre: Bookman, 2002.
- IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. 2. Ed. São Paulo: Thomson, 2003.
- LICKORISH, Leonard J.; JENKINS, Carson L. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- MASAKAZU, Arakaki. **Luta na serra**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1985a.
- \_\_\_\_\_. **Cinquenta anos de Campos do Jordão**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1985b.
- MATOS, M. I. S. **Cotidiano e Cultura: História Cidade e Trabalho**. Bauru: EDUSC, 2002, Coleção História.
- OMT, Organização Mundial do Turismo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.
- PIRES, Mário Jorge. **Raízes do turismo no Brasil**. São Paulo: Manole, 2001.
- QUINTELA, Maria Manuel. **Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de São Pedro do Sul) e no Brasil (caldas de Imperatriz)**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0104-59702004000400012&lng=en&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-59702004000400012&lng=en&nrm=iso&tlng=en) Acesso em 12 mai. 2007 às 14h.
- TRIGO, Luz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós – industrial e o profissional em turismo**. Campinas: Papirus, 1998.